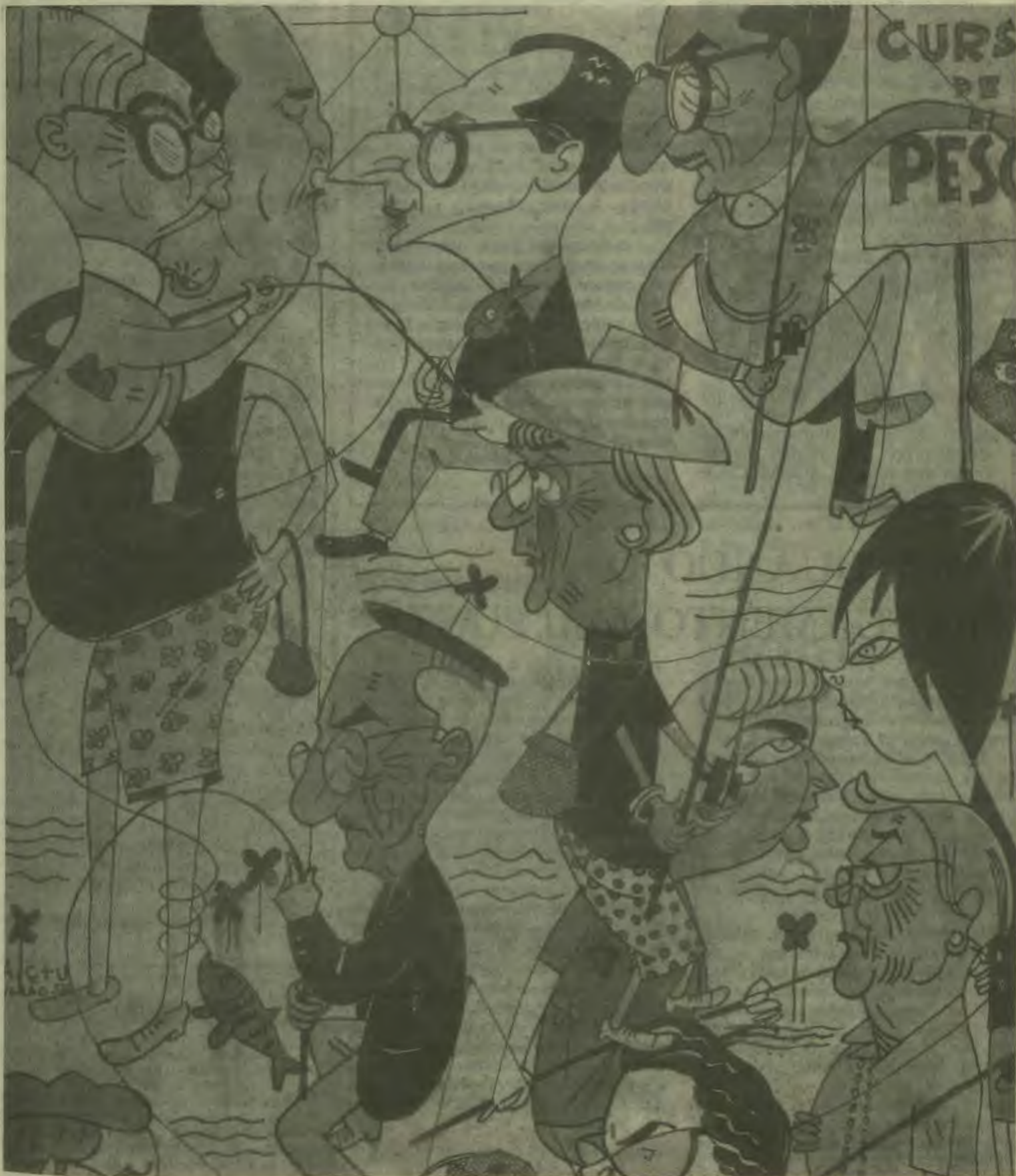


○ NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA



EDITORIAL

Aí temos a colónia balnear fangueira para mais um mês entre nós. Oxalá o tempo lhe seja propício, ao menos para compensar a heroicidade daqueles que ainda escolhem o norte para passar férias, perante a debandada quase geral a caminho das praias do sul.

Os banhistas são quase parte integrante de Fão. Muitos construíram casa ou alugaram-na ao ano e na medida em que vivem os problemas locais, na medida em que passam aqui grande parte do tempo disponível com férias e fins de semana à mistura, bem merecem que lhes seja outorgada a cidadania fangueira.

Os casos do dr. Sampaio e Castro e de José Madureira são exemplos flagrantes do que acabamos de dizer. Digamos que são cidadãos de dupla nacionalidade embora com uma vivência mais próxima das águas do Cávado do que das margens do Douro. Outros, não logrando uma permanência tão duradoura entre nós, ficam no entanto eternamente seduzidos por este rincão maravilhoso das antigas AGUAS CELE-

NAS e sempre que podem e são solicitados não escusam sua simpatia por Fão.

Por sua vez o povo da nossa terra nutre um especial sentimento pelos seus banhistas. É verdade que eles dão o pão a ganhar a muita gente. O aluguer de casas a veraneantes representa uma considerável fonte de receita da gente local. Mas não é só por isso. Há uma intercomunicabilidade fácil entre as pessoas, são amizades sólidas que se criam, verifica-se um bem receber da gente local e o correspondente sentir-se bem de quem chega. A miscelânea é natural.

Daí dizer-se com apropriado título colónia balnear fangueira e não apenas colónia balnear de Fão. Os banhistas, uns mais outros menos, uns por tempo limitado, outros indefinidamente, sofrem os efeitos de enculturação local e acabam por assimilar algo que é do património comum. E passam por isso a ser cá dos nossos.

Sejam bem-vindos.

PARA QUANDO O ALARGAMENTO DA PONTE ?

A Ponte que aqui na terra liga as duas margens do Cávado, já não serve nem as modernas exigências do tráfego, nem os próprios fangueiros.

Décadas atrás, quando foi construída, os automóveis eram poucos e os camiões bem menos pesados. Hoje tal não acontece e é com frequência que vemos o trânsito parado à entrada da ponte, de um dos lados, para que a outra fila possa avançar, já que é impensável cruzarem-se dois camiões sobre o tabuleiro da mesma.

Na época da lampreia é habitual verem-se alguns pescadores que se dedicam à pesca de tão apreciado e rentável ciclóstomo, em atitudes acrobáticas no cimo da ponte para melhor lobrigarem a presa. Só que muitas vezes não se apercebem do perigo que correm. Sobretudo à noite, se se cruzarem dois automóveis, os condutores podem ser encadeados pelos faróis, deixando de ver os tais pescadores, situados frequentemente na própria faixa de rodagem.

Outro problema é o gado que tem que atravessar a ponte, causando transtornos de ordem vária.

Assim, mesmo sabendo que o Ministro do Equipamento Social e o Presidente da Junta Autónoma das Estradas não confirmaram ainda a assinatura do «Novo Fangueiro», apelo para essas Entidades para que, como se costuma dizer, «estando com a mão na massa»: — lembramos o alargamento do tabuleiro da ponte sobre o Tejo, a adjudicação da obra de uma nova ponte ferroviária sobre o Douro e a tão falada nova ponte da fronteira de Valença — possam lembrar-se de nós.

Um alargamento da ponte agradaria a todos: aos automobilistas e aos motoristas dos TIR, que por lá dificultosamente passam, aos pescadores de lampreia que estariam muito mais seguros e até beneficiaria a condução do gado, que não se excitaria com a estridência das buzinas.

J. A. M.

Retalhos de poesia

Praia de Ofir - Fão

*Cantar, oh praia de Ofir
Teus encantos eu quizera.
Tu és ainda mais linda
Que a mais bela Primavera.*

*O teu Sol que nos bronzeia,
Aquece como um sorriso.
Nas tuas brancas areias,
Encontra-se o paraíso ...*

*Praia de Ofir, bem amada,
Tua água é um tesouro.
Onde o luar é de prata
E o Sol é feito de ouro.*

*Tu tens Ofir encantada
Sol, calor, lindas areias.
E os teus cavalos lendários
Encantam lindas sereias.*

*Praia de Ofir, meu encanto.
A tua água salgada.
Não tem o sabor do pranto,
Mas da alegria dourada.*

*Tens hotéis e tens piscinas,
Cor, beleza e alegria
E uma doce claridade,
Que é toda a tua magia.*

*Minha praia colorida
Com casinhas no pinhal
Com jardins cheios de flores
De beleza sem igual.*

*Há no encanto de praia,
Um mundo de poesia ...
Uma sinfonia de cor
Que se compõe dia a dia.*

*Ergue-se no teu areal
A capela da Bonança.
Onde o povo vai rezar
Cheio de fé e de esp'rança ...*

*Praia de Ofir, és p'ra mim
A minha praia ideal.
Pois banhas suavemente
O meu lindo PORTUGAL.*

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

DOENTE

Encontra-se doente, no Hospital Militar do Porto, o nosso ilustre conterrâneo, Major Albino Pedrosa Viana.

Companheiro de estudos desde os tempos da escola, é com muita mágoa que damos esta notícia, fazendo fervorosos votos para que este querido amigo consiga sair do difícil momento que está a passar.

FANGUEIRADAS

por DIAS COSTA

Mês de Agosto. Época (altíssima) do turismo. Altíssima nos preços, em especial para o turista português que queira ir por essa Europa fora. Claro, que não vai. Fica por cá (muitos) ou «refugia-se em Espanha (alguns).

Mas, por falar (escrever) em Espanha, vale a pena fazer comparações entre as diferentes maneiras de vender turismo. Parece que nós queremos fazer dessa venda uma fonte de receitas para o país, uma indústria. E escrevo «parece» porque ainda hoje, em Portugal, não há muitos a saber vendê-lo. Com a devida vénia, claro, a um punhado de profissionais que o são mesmo, isto é, com competência. Claro que

TURISMO OU «TORRESMO»?

temos areia mais branca (sem detergente ...) e praias mais extensas. Temos castelos, monumentos, solares, gastronomia, folclore e paisagens bonitas, para todos os gostos. E até um povo hospitaleiro e de bom feitio, no qual grande parte, os mais jovens em especial, sabem do francês, inglês, alemão e espanhol o suficiente para serem prestáveis a quem nos visita. E não acho que seja subserviência termos de falar o idioma deles. Será até uma valorização, e uma forma de vender (bem) turismo. Como se vê nas zonas turísticas espanholas onde os «me... nus» estão «vestidos» sempre em quatro idiomas. E onde até jornais espanhóis publicam edições em inglês com informações de utilidade local e noticiário internacional.

Pode-se lamentar, é certo, que às dezoito horas de 14 de Julho o posto de turismo espanhol na fronteira de Badajoz estivesse fechado, embora já me tivesse prestado bons serviços, de outra vez.

Mas isso será a excepção a uma regra de ouro que vale por vender (bem) turismo. E é assim quando se paga para ver qualquer monumento com valor histórico; com as estruturas higiénicas das praias, onde todos os serviços (menos os de chuveiro e lava-pés) se pagam; com as cadeiras que têm uma peça regulável para acompanhar o movimento do sol, fornecendo sombra; com a venda de sacos de gelo nos postos de gasolina; com o serviço telefónico nas praias, mesmo o internacional; com o

(Continua na pág. 8)

BURACA INDESEJÁVEL

No lugar de Santa Bárbara, junto ao edifício das novas escolas, foi feita uma larga extracção de areia de que resultou uma enorme buraca no sítio da respectiva tiragem.

Como em tantas outras obras, uma vez feita a grande cratera, ninguém mais se lembrou de a tapar, com todos os perigos que se adivinham. Por um lado, constitui uma grande ratoeira para as crianças que frequentam a escola e são algumas centenas. Como se sabe, a água exerce sobre a petizada um enorme fascínio que às vezes é fatal. Depois, é a própria condição da água estagnada que reforça o grau de periculosidade já existente.

Ao que nos dizem, o dono do terreno que procedeu à extracção da areia já em tempos levantara uma cercadura de tábuas à volta do local, no receio de que alguma desgraça pudesse acontecer. Sobreveio entretanto um vendaval, as tábuas foram-se abaixo e ninguém mais cuidou de as erguer. Depois foram desaparecendo uma a uma, talvez para servir de alternativa ao gás, cujo preço está pela hora da morte. Tudo levaram.

A pessoa que nos alertou para esta situação anómala entrou igualmente em contacto com a Câmara, mas de lá disseram-lhe que o dono do terreno deve-

ria, tinha a obrigação, de «achuir» o terreno ou protegê-lo adequadamente.

O certo é que continua tudo como dantes, ou melhor, aquilo começa a ser um vazadoiro de coisas inúteis e por vezes pouco agradáveis ao olfacto. Esperemos que a Junta de Freguesia, da presidência do nosso amigo Luís Viana, chame a si a resolução do caso e estamos certos de que algo vai ser feito no mais curto espaço de tempo.

ARTUR SOBRAL

Chegou a Fão para mais uma estadia entre nós o nosso amigo e prestigioso fangueiro sr. Artur Sobral. Benemérito de quatro costados, tem o seu nome inserido em quase todas, se não todas, as Instituições de Fão. Por nossa parte não esqueceremos jamais o contributo decisivo que A. S. deu para a saída do «FANGUEIRO», jornal que antecedeu «O Novo Fangueiro». A nossa memória não é curta e nós somos dos que consideramos Artur Sobral um dos grandes beneméritos de Fão.

Que se sinta bem entre seus familiares e os muitos amigos que aqui tem; quando for embora não o faça à francesa, como é seu costume.

Grupo Coral de Fão

Como anunciámos na altura própria, realizou-se no último dia 14, em Esposende, um encontro de coros do concelho, no qual tomou parte o grupo de Fão, dirigido pelo P.º Manuel de Faria Borda. Foi um espectáculo que agradou plenamente ao numeroso público que enchia o templo da vila. O grupo de Fão houve-se com geral agrado. Apesar de actuar sempre com quatro vozes, revelou muita personalidade e segurança, afinal a segurança e personalidade do seu categorizado maestro.

No último jornal, ao darmos a notícia da actuação dos coros, não foi mencionado o de Fão. As pessoas mais ponderadas viram logo que se tratava de uma graíha. Mas as outras... Claro que se tratou única e simplesmente de uma graíha e quando elas caem não há nada a fazer. Afinal quando pensávamos ir receber montes de parabéns por termos apresentado um jornal bem conseguido, todo o mundo... coral só queria saber por que não tínhamos posto o nome de Fão. Quando esperávamos que as pessoas nos perguntassem como é que nós conseguíamos pôr cá fora um jornal com a assinatura a ficar por metade do custo, eles e elas só queriam saber a causa da omissão do nome.

Estes fangueiros são uns exagerados...

HOTEL DO PINHAL

★★★

OFIR - FÃO
4740 ESPOSENDE
Tel. 053-961473/4
Tlx. 32857

(nova Gerência pelos proprietários)

PUB TODOS OS DIAS

BOITE AOS SÁBADOS

2 CONJUNTOS

PARKING COM GUARDA

«ESTAMOS A FAZER TURISMO OU ESTAMOS A BRINCAR AO TURISMO?»

— Uma pergunta de Aníbal Soares aos responsáveis locais

Fão, terra por excelência de turismo, deveria ser, conseqüentemente, zona de asseio e de sossego. Sê-lo-á? Sobre este assunto «O Novo Fanguero» entrevistou o proprietário do Hotel do Pinhal, Aníbal Soares, bem colocado para nos falar de certas deficiências que são visíveis numa terra que se reclama de cosmopolita mas que pouco faz para o ser.

— *Podemos considerar a terra de Fão como um oásis de paz e sossego, propício a umas férias bem passadas?*

— Idealmente assim é. Na prática, analisando casos concretos, não parece ser. Vou falar, como é compreensível, da zona circundante à volta do Hotel do Pinhal. Começemos por um outrora ribeirinho que dizem vir dos lados da Apúlia e que passa pelo Hospital e outras casas, umas antigas, outras recentes, e que acaba por descarregar em seco, mesmo em frente do Hotel, do lado do rio, toda a estrumeira que os forasteiros dos domingos de Verão deixam ficar na nossa terra.

— *Que medidas foram ou vão ser tomadas?*

— Para eliminar definitivamente esta chaga de Fão, irá o Hotel, pois trata-se de uma propriedade sua, fazer uma fossa séptica geral, tratando assim as descargas que por lá aparecem e recebendo também as águas da piscina e da lavandaria que por sua vez acabam por ir ter ao rio. Entretanto urge proceder já à rectificação do curso desta autêntica fossa em céu aberto, pois a pretexto de teoricamente se ir depurando ao longo do seu serpenteio, fá-lo à custa da saúde de numerosas crianças que por lá brincam e no logradouro de um Hotel de primeira categoria, acabando por despejar directamente os detritos na água do rio.

— *Mas as autoridades não estão atentas a problemas de tamanha gravidade?*

— Como digo atrás, será uma entidade não oficial que se vai preocupar com a degradação que desde há quinze anos se está a processar na linda zona da Junqueira, quiçá a zona mais linda de Fão. Os organismos oficiais estão demasiado ocupados com burocracias e os políticos só têm tempo para angariar votos em tempo de eleições.

— *Desde o último sábado o Hotel do Pinhal vêm ocupando, para seu parque automóvel, o terreno do campo de futebol da Junqueira. Vai ser definitivo?*

— O Hotel do Pinhal, vendo-se privado do seu parque automóvel, frente

ao Hotel, em terrenos de sua pertença (conforme se pode comprovar pelo alinhamento dos veículos de há vinte anos a esta parte) propôs-se transferir também para terrenos seus, atrás do edifício, os automóveis dos seus hóspedes e clientes, o que já começou a verificar-se desde o último sábado. Simultaneamente, com a saída dos automóveis dos passeios já referidos, o Hotel submeteu à aprovação da Câmara um projecto definitivo que compreende o referido parque cuja implantação já está autorizada pelas entidades intervenientes, parque esse ajardinado e arborizado de modo a integrar-se adequadamente na paisagem. No projecto proposto aos Serviços Técnicos consta ainda um campo de futebol cujas balizas serão oferecidas por nós como desde sempre vimos afirmando e ainda um extenso parque público, tudo a executar simultaneamente, isto se a Câmara der a prometida ajuda na proporção que se determinar ser do exclusivo interesse do concelho.

— *Será que a partir desse momento*

poderão os habitantes locais e veraneantes usufruir tranquila e livremente deste local paradisíaco?

— Há ainda um outro problema que urge erradicar de vez de uma zona privilegiadamente turística. Refiro-me ao tráfego dos veículos, nomeadamente às motorizadas que não se contentando de saírem ilegais das fábricas quanto à sua insonorização, ainda são traficados nos motores, para que «meninos» que os conduzem se possam excitar através dos seus capacetes de astronautas com um barulho que ouvidos sem protecção dificilmente suportam. Porque se não proíbe de uma vez para sempre o tráfego de veículos motorizados para além do futuro parque da Junqueira, proposto pelo Hotel do Pinhal, apenas sendo permitido a bicicleta a pedal? Estamos a fazer turismo ou estamos a brincar ao turismo?

Deixando esta pergunta no ar, desejamos que da sua resposta se incumbam todos quantos sobre o turismo deste concelho têm uma grande quota de responsabilidade.

O Mundo em que vivemos

O crime de ter nascido

Assim é no Tribunal: o réu; os juízes; a acusação; a defesa; a sentença.

Neste «julgamento», porém, tudo foi diferente. O «réu» não teve defensor. Os «juízes» foram sua mãe e sua avó materna. A sentença foi a condenação à pena mais cruel — a pena de morte. O réu foi executado.

Aconteceu em Julho. Numa aldeia do concelho de Setúbal. Uma rapariga muito nova teve um filho indesejado. Era uma menina e, no dizer da mãe, seria «uma boca a mais a comer» num lar já pobre. Eis a acusação. O direito à sobrevivência da recém-nascida foi questionado e julgado pelo «tribunal» dos seus familiares — a mãe e a avó. Não houve defesa. A decisão veio por unanimidade: — «É preciso matar a menina».

Estava dada a sentença, que as próprias «juadoras» executaram, batendo repetidas vezes com a cabecinha da criança no chão e na beira da cama. Até à morte.

Ante a dimensão da tragédia, a nossa voz silencia. As palavras ficam todas muito aquém.

Apenas um desejo, insensato, absurdo, irrealizável, cresce, avassalador: o de poder restituir a vida à pequenina condenada, cujo «crime» foi só o de ter nascido e cujos olhos, ainda mal abertos para a Vida, foram irreversivelmente fechados pela violência das pancadas assassinas.

E. REAL

Ofir também é Fão

«O Novo Fanguero» vai iniciar um curso literário com temas propostos mensalmente aos nossos leitores.

O tema deste mês é aquele que enclma esta notícia: «Ofir também é Fão».

O melhor trabalho será premiado com scs. 1.500\$00 e terá honras de 1.ª página.

O PERFIL DE HOJE

por A. RUA REIS

Todos o conhecem. Nasceu aqui, nesta vila de Fão e é um dos filhos de que esta Terra se orgulha. Como estudante, no tempo em que poucos frequentavam o ensino secundário, teve de deslocar-se para fora do Concelho. Começou na Póvoa de Varzim os seus estudos secundários e continuou-os em Chaves e Braga, na companhia de seu tio, o saudoso Dr. Andrade Novais. Acabado o curso complementar, matriculou-se na Faculdade de Famária da Universidade do Porto, onde se licenciou.

São muitas as facetas da multifacetada vida do Dr. Alceu Maria Vinha dos Santos.

Logo desde estudante manifesta uma grande facilidade de adaptação a qualquer ambiente culturalmente válido. É assim que, ainda universitário, se relaciona com os melhores artistas de teatro que, nesse tempo, amiudadas vezes visitavam o Porto e com realizadores de cinema a darem os primeiros passos em Portugal. Chegou mesmo a ser convidado para integrar uma companhia de teatro que se exhibia no Porto e só a não acompanhou a Lisboa devido a influências familiares.

Este contacto com as gentes do teatro vai levá-lo a desenvolver o interesse pelo teatro entre os fangueiros e mesmo a colaborar em várias peças e revistas, levadas à cena nos palcos de Fão.

O seu imenso talento para o desenho e, sobretudo, para a caricatura acabou também por contribuir para o ligar ainda mais a todo o movimento artístico nortenho.

A sua caricatura caracteriza-se por um aproveitamento do pormenor ou pormenores físicos que mais chamam a atenção, mas sem nunca amesquinhar o caricaturado, como o demonstra a sua imensa galeria de caricaturas.

Uma outra faceta revelou desde muito novo: oposição a todo o conservadorismo social ou político. Fugia dos padrões impostos pela sociedade de consumo através duma publicidade cada vez mais poderosa. O seu modo de estar na vida criava-o ele, mesmo que aos olhos dos outros parecesse uma excentricidade criticável.

Um dia de manhã, quando universitário, apareceu nas aulas vestindo um sobretudo azul marinho cujo feitiço ele escolhera, abotoado com uma fieira de botões vermelhos. No dia seguinte, os colegas abriram os olhos de espanto, ao verem-no entrar nas aulas com o mesmo sobretudo, mas abotoado com botões cor branco-sujo. Outras vezes, em lugar de mudar os botões, mudava a gola, variando a seu belo prazer, sem

dar satisfação a uma sociedade informada pelos mesmos moldes. Esta oposição à sociedade feita de conveniências, feita do «fica bem» ou «fica mal», leva-o a viver de preferência no meio dos mais humildes da sua Terra, com aqueles que, segundo os padrões da época, se situavam no fundo da tabela social, uma espécie de párias entre brâmanes ou ricos vaissias.

Esta atitude e modo de estar na vida do Dr. Alceu, contribuíram para que em Fão, há cinquenta anos, fosse uma excepção na maneira de conviver das suas

Dr. Alceu Maria Vinha dos Santos



gentes. Não foi só a sua acção; outros como o Dr. Pimenta, o Dr. Sampaio e Castro e sua família deram também um grande contributo para a democracia social que já se vivia em Fão, por volta dos anos trinta.

Contudo, mais acentuada que a sua oposição à sociedade de consumo, foi a sua frontal oposição ao regime ditatorial de Salazar. Participou activamente em todas as campanhas eleito-

rais tendentes a implantar a democracia em Portugal. Mesmo quando em 1967 aceitou leccionar matemática e física no Externato Infante de Sagres de Esposende, não assinou qualquer compromisso político. Apesar de ordens superiores negando-lhe o direito à docência, o director do Externato mantêve-o ao serviço, alegando que o Dr. Alceu nunca se servira da sua acção de professor para fazer propaganda política entre os alunos.

Mas a característica mais importante do Dr. Alceu para as gentes de Fão e não só, foi e é a sua solidariedade para com os mais necessitados, manifestada na valiosa ajuda através do ensino. Foram inúmeros os jovens que ele preparou para o curso geral e complementar dos liceus, com explicações

de todas as disciplinas da secção de ciências, completamente gratuitas. São muitos os fangueiros e esposendenses que podem testemunhar esta magnífica acção cultural desenvolvida sem qualquer satisfação material, apenas a satisfação íntima de ser útil ao seu semelhante e à sua Terra.

Muito mais haveria a dizer desta tão humanamente rica figura fangueira; mas o que aqui fica, basta para merecer destacá-lo como uma pessoa diferente em Fão nas páginas deste jornal.

«CABRA»

Por grutas e penhascos calcas montes
endurecem-te os cascos rasgas sendas
matas sede nas chuvas e nas fontes
mas ninguém sabe as sebes que desvendadas

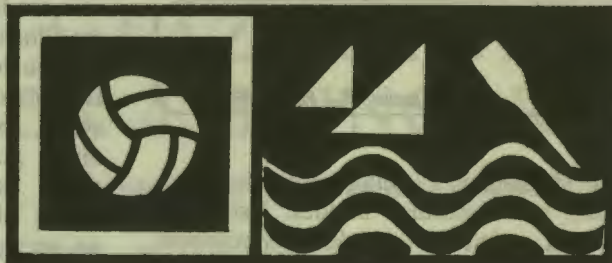
espremem-te as mamas com fúria e desprezo
transformam tudo em ti de aproveitar
vestem a tua pele e amam-te a peso
e os teus cornos são armas por usar

graciosa no frémto do cio
da orgia dos machos resta o frio
dos baildos do próximo empreñar

sangram-te as crías em riqueza estranha
e a mão que te ordenha é quem te amanha.
— Que destino o teu nome irá marcar!...

ODETE PIROTO

DESPORTO



Ao fim de seis sessões, foi possível ver sair fumo branco pela chaminé da esperança. Temos direcção. Isto quer dizer que temos futebol, que o campo vai continuar a ser do Clube e que a hipótese do hospital vai ficar arredada. No entanto foram precisas seis assembleias não tendo funcionado a maior parte delas por falta de quorum. Conseguiu-se um bloco homogéneo, por ventura homogéneo demais, mas o importante é que o futebol não vai acabar.

Foi a seguinte a direcção eleita:

Assembleia Geral — Presidente: Prof. Manuel Nascimento; Vice-Presidente: Belmiro Viana; Secretário: Francisco Amorim. *Conselho Fiscal* — Presidente: João António Alves; Secretário: José Crisóstomo Ferreira; Relator: Adriano de Faria Nascimento. *Direcção* — Presidente: Luís Viana; Vice-Presidente: José Alexandre Ribeiro Teixeira; Secretário: António Gonçalves Figueiredo; 2.º Secretário: Dr. Manuel João Carvalho Matos; Tesoureiro: Manuel Francisco Nascimento; Vogais: Marinho Francisco Nascimento, Arnaldo António Lopes, Óscar Hernâni Gomes Viana, Arménio Graça da Silva e Inácio Palmeira.

Um parabém especial ao médico, dr. Carvalho Matos. Estamos a ver que o bichinho já começou a fazer moça e

daqui a pouco temos um fangueiro dos pés à cabeça.

Fonte digna de crédito asseverou-nos que o novo treinador será Carvalho, atleta credenciado que chegou a militar na 1.ª Divisão. Oxalá o indicado técnico não se lembre de exigir adiantadamente o «cachet» e em dólares.

P.e Manuel de Faria Borda

Por ter atingido o limite de idade, deixou de prestar serviço na Escola Secundária de Esposende o nosso conterrâneo, Rev. P.º Manuel de Faria Borda.

O P.º Faria Borda começou a sua vida docente no Seminário Menor de Braga, creditando-se como um professor competente e maestro abalizado à frente dos Pequenos Cantores da Imaculada. Seguidamente ingressou no ensino oficial e a partir daí pôde dedicar-se com mais empenho ao Grupo da Matriz de Fão que hoje goza de merecida fama entre os seus pares.

Agora, com o tempo mais disponível não poderia criar uma escola de música em Fão? É uma pergunta a que só a saúde e um natural cansaço podem responder.

O «Novo Fangueiro» saúda o P.º Borda com toda a simpatia.

QUANTO TEMPO FALTARÁ AINDA PARA FÃO VIR A TER UMA FORÇA POLICIAL?

Foi com esta pergunta que um leitor, devidamente identificado, iniciava a notícia que nos enviou que a seguir transcrevemos:

«Na madrugada de 6 de Agosto os hóspedes do Hotel do Pinhal foram sobressaltados pelo barulho de vários tiros de uma arma de fogo disparados por um emigrante de nome Carlos, actualmente a passar as férias em Fão.

Chamada telefonicamente a G.N.R. de Esposende por três vezes, demorou mais de uma hora a chegar ao local. Entretanto o pistoleiro, acompanhado de um amigo, retirou-se calmamente, seguindo pela estrada fora em direcção a um bar junto ao rio. Um hóspede do hotel, funcionário de uma empresa de segurança do Porto, ainda mandou uns tiros para o ar, no propósito de afastar o importuno, mas a resposta foram nova série de detonações.

Face à inoperância da G.N.R., sempre muito solicitada nestes termos estivais, o Hotel do Pinhal pensa criar a sua própria milícia, para assegurar a protecção dos seus próprios hóspedes e clientes, a exemplo do que têm feito outras unidades hoteleiras. É que casos como este fazem com que os turistas, amedrontados, demandem outras paragens ou regressem às suas casas no dia seguinte como aconteceu.

No Algarve já existe a tropa de choque para obviar a casos semelhantes e Fão, ao menos, bem poderia ter um posto da Guarda Nacional Republicana com residência fixa na terra.»

Emigrantes em Fão

No mês de Agosto é costume os emigrantes demandarem a sua terra para gozarem com os seus familiares um período de merecidas férias. Entre outros lembramos de ver entre nós os conterrâneos: Américo Carvalho (um veterano nestas andanças), Veldemar Carvalho, Manuel Faria, Gaspar Galfém, Luís Gonçalves (Mona), Cândido Bandeira do Monte, os irmãos Carlos, Orlando e Manuel Ferreira Graça e o Manuel Galfém Carreira.

Que as férias lhes saibam bem e que voltem sempre.

Fangueiradas

(Continuado da pág. 3)

preço da forma de se comer, podendo-se fazê-lo barato, médio ou caro, correspondendo este último a luxo; com os «camareros», uns empregados de mesa que dão lições de dinamismo, amabilidade e eficiência aos seus iguais portugueses.

Com isto e com aquilo, uma vasta argumentação que poderia citar mas que «não cabe» neste pequeno apontamento.

Argumentação que, pese eu recorrer o trabalho dos bons profissionais que já há em Portugal, me leva a afirmar que, cá por casa, não se vende (bem) turismo. Talvez «TORRESMO»...

DIAS COSTA

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
 AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 981845

Atenção Reumáticos...

Este anúncio, espalhado por tudo quanto é sítio, suscitou a curiosidade de quantos nele tropeçaram.

Muito simplesmente, os nossos conterrâneos teriam de levar os seus reumatismos ao Salão Paroquial — segundo se lia — em frente ao Hospital de Fão — como que integrando esta estrutura nos objectivos a atingir — e estaria assegurada a melhoria experimental dos seus padecimentos, em demonstrações gratuitas.

A curiosidade e a responsabilidade sensibilizaram uma observação directa do fenómeno.

Fiz como alguns reumáticos fizeram.

Entreí na sala pela porta lateral... Estava deserta como é hábito, embora toda a gente sinta que, deveria ser incremen-

tada a sua frequente utilização recreativo-cultural.

Subi ao palco como um actor sem público e desconhecador do texto. Apercebi-me então da existência de pessoas nos supostos camarins, para onde me dirigi — a quando fui abordado por um indivíduo, a quem atribuí de imediato os predicados de vendedor.

A minha presença se não o intrigou, perturbou-o, pelo que me identifiquei. Era efectivamente vendedor, mas não especulizado.

Acompanhei-o aos camarins, onde alguns pacientes, estavam ligados a um aparelho eléctrico através de fios coloridos que contactavam a pele por intermédio de placas de latão encardernadas.

Estava em presença do tão propagandeado fenómeno.

A base teórica será, a aplicação da chamada corrente galvânica no tratamento de diversas patologias.

Quanto a resultados práticos, ainda se situam no campo das suposições... O preço do aparelho ronda os cinquenta e oito mil escudos... Inacessível à grande maioria, mesmo considerando, que, estes doentes crónicos foram esquecidos pelas recentes alterações na comparticipação estatal nos medicamentos, que são dos medicamentos, que são dos mais onerosos.

Uma lixeira pública para os lados da praia

Lixeiras há muitas na nossa terra. Dir-se-ia que é até um apanágio, triste apanágio, de Fão. No entanto nós queremos destacar um local imundo, fedentista e envergonhal, como diria o Odorico, que existe para os lados da Junqueira, e que é precisamente o esgoto que vem do Hotel Ofir e torres adjacentes e que lança todo o conteúdo em céu aberto, no rio Cávado, normalmente sem água na zona. A pestilência é perceptível a muitos metros de distância.

Este mesmo assunto já foi objecto de de uma reportagem do J. N. em 6-9-79, simplesmente as coisas pioraram pois os tractores e outros veículos esventraram em grande extensão a referida conduta, transformando-a assim numa verdadeira cloaca. Também nós fazemos a mesma pergunta: estamos a brincar ao turismo ou quê?

Em resumo: Durante vários dias (ao longo de 2 semanas), o Salão Paroquial foi cedido (desconhecendo as condições), a uma empresa privada (pouco ou nada conhecida), fabricante de aparelhos eléctricos com aplicação clínica, para exposição, demonstração e venda.

Pergunta-se, a quem de direito:

— Não deveriam os assuntos da saúde serem credenciados e tratados pelas entidades próprias, de uma forma responsável?

— Será que a partir desta altura, os comerciantes desta Vila, e pelos vistos arredores, terão direito de exposição, promoção e venda dos seus produtos no nosso Salão Paroquial?

O seu a seu dono ...

C. M.

Fão, 3 de Agosto de 1984

POR FAVOR:

Pague a assinatura!...

Mais uma vez lembramos aos nossos assinantes a cobrança da assinatura. Em Fão o pagamento pode fazer-se através do nosso amigo Zé Barbeiro a quem agradecemos o «jeito» bem como a ajuda na indicação dos nomes de possíveis assinantes.

Como se pode constatar, retiramos a referência do preço de esc.: 25\$00 relativo a cada jornal e isto porque:

a) tal preço foi calculado para um jornal de duas folhas e nós vamos manter cada número com três;

b) não beneficiaremos de portê pago neste primeiro ano, o que nos obriga a dispendir esc.: 12\$00 de correio, por cada unidade.

Apesar de tudo, manteremos o preço da assinatura anual, mas somos obrigados a anular o preço de cada unidade pelo seu evidente desajustamento.

Entretanto pague a assinatura (se ainda não o fez) e traga um novo leitor.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

LENTES DE CONTACTO

RUA DA MISERICÓRDIA, 2-16 - 4700 BRAGA - TELEF. 75777

Esgotos para o rio

O caso dos esgotos em algumas casas de Fão começa a ser um insolúvel problema.

A Rita Figueira (restaurante) viu-se obrigada a drenar os esgotos para o rio, através de uma fossa séptica. Digamos que era a solução possível se a fossa for rigorosamente séptica. O café do Rio que agora começa a ter mais movimento viu-se confrontado com o mesmo problema e abriu um T na conduta da Rita Figueira, ficando por isso a referida fossa mais que saturada. Claro que o chelrete em certas horas do dia não é recomendável para os narizes mais delicados, isto em pleno centro de Fão que se diz uma terra de turismo, etc., e tal.

O que vem ao de cima é a falta de saneamento básico mas como o Presidente Luís Viana nos assegurou que as obras iriam começar ainda este ano, vamos só ter que aguentar mais uns meses.

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
 Maria José Barra Reis Pimenta
 Dr.ª Maria Emília Corte-Real
 Dr. José Augusto Madureira
 Carlos Dias Costa
 Dr. Carlos Carvalho Matos
 Dr. Alceu Vinha dos Santos
 Dr. Agostinho Rua Reis

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
 José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
 Telefones 861475 - 862180

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Praça João XXIII — Telef. 60318
 4490 Póvoa do Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 350\$00

A cobrança de «O Novo Fanguelro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Casas!
As nossas casas!

Grandes, lindas, pintadas.
Pequenas, simpies, caiadas!

Janelas rasgadas,
varandas ousadas.

As nossas casas!

All, além, longe,
no campo, na serra, na cidade,
ora brancas, ora alinhadas,
aí estão as nossas casas!

Mansões, vivendas, andares,
casebres, choupanas.
Abrigos de vidas humanas!

As nossas casas!

Quintais, animais.
Escadas, escadarias.
Portas, portais.

As nossas casas!

Feltas depressa, devagar.
Com amor, com suor!

As nossas casas!

Candeeiros, cristais,
velas, castiçais!

Alcatifa, papel,
tapetes, mantas e coisas tantas, tantas!



por ZINHA

As nossas casas!

Mobiliás, estilos, dourados,
fogo, lenha, trempes, potes pendurados!

Sofás, banco, cadeira
e a caixa que guarda a roupa branca,
all, à beira!

As nossas casas!

Tectos altos, bonitos,
que ouvem gargalhadas, que abafam gritos!

Paredes decoradas, fotografias,
momentos de tristeza, horas de alegrias.

As nossas casas!

Conforto, aquecimento.
Frio que vem daquele postigo,
a todo o momento!

Gira-discos, rádio, televisão,
tudo queado, não há discussão!

As nossas casas!

E all se prepara a cela.
Família reunida, à luz da candela.

E all se fala do batatal,
se remenda, se abana o berço,
se reza o terço.

As nossas casas!

Banquetes, festas,
lutos, sofrimentos, coisas destas!

Sonhos frustrados,
anseios acalentados
desejos falhados!

As nossas casas!

E tanto se poupa.
E tanto se gasta.
E tanto se luta.
E nunca se basta!

As nossas casas!

Calmas, amigas, companheiras.
Confidentes de vidas inteiras!
As nossas casas! As nossas casas!

CÁVADO "NOS ENTRETANTO" POLUIÇÃO "NOS FINALMENTE"

Sabendo da dificuldade que o Prefeito de Sucupira, Oderico Paraguassu, está a ter em arranjar um defunto para inaugurar o cemitério, «O Novo Fangueiro» resolveu telefonar-lhe e é desse telefonema que agora vos dou conta:

Novo Fangueiro: Está lá é o coronel Odorico?

Oderico: Sou eu mesmo; quem está falando?

N.F.: Daqui é de Fão, Portugal. Estou a falar-lhe porque penso que posso resolver o seu problema de inauguração do cemitério.

O.: É mesmo?

N.F.: Nós temos aqui um candidato a defunto que se chama Cávado e está atacado de uma doença mortal, a poluição.

O.: Oh gente! Só agora é que vocês me dão uma notícia dessa?

N.F.: Pois é coronel, já tínhamos tentado mas sabe como é que é isto dos telefones.

O.: Mas esse Cávado vai morrer mesmo ou se trata de um moribundista militante?

N.F.: Não coronel, se nada se fizer para o salvar, a morte é certinha.

O.: Onde pegou ele essa doença?

N.F.: É uma tinturaria clandestina

que se esconde por trás de uma fábrica e lhe lança um veneno.

O.: E as autoridades não irão salvar ele?

N.F.: Não coronel; as autoridades dizem que isso de poluição é «bobagem», é empolamento.

O.: Dessas autoridade é que eu deveria ter aqui em Sucupira pois na certa já teria inaugurado o cemitério.

Mas não haverá perigo de o tal Cávado fazer umas análise e descobrir a «Molesta»?

N.F.: Há três meses atrás anunciou-se que ia ser feito o estudo das fontes poluidoras da bacia do Cávado mas, acentuou-se logo que o processo burocrático iria ser moroso.

Portanto, ou não se fazem as análises ou, quando se fizerem, nunca mais ninguém sabe os resultados.

Aqui é assim: fazem-se análises, inquéritos e depois os resultados ou não são publicados ou quando o são é muito tempo, em notícias muito pequenas e no meio de anúncios de propriedades imobiliárias e quejandos.


Em conclusão, coronel, por esse lado estamos descansados.

O.: Compreendo, são uns *analista militante*. Quer dizer então que posso partir para aí e trazer o defunto?

N.F.: Venha quando quiser coronel, mas não traga o Zeca Diabo que desses já cá temos muitos.

Despedimo-nos do coronel e desligamos. Não sabemos o que se passou depois na Prefeitura de Sucupira, mas consta que Odorico se virou para o secretário e disse: «Seu Dirceu! Oh seu Dirceu! Mande o mestre Sabiás ensaiar a marcha fúnebre que desta vez não falha, eu vou a Fão com o «Kélé» incentivar as tinturarias e as autoridades pois, tou vendo que o defunto só mesmo em Portugal.»

JOSÉ MADUREIRA

| | |
|--|---------------------------|
| AVENÇA  PORTE PAGO | «O NOVO FANGUEIRO» FÃO |
|--|---------------------------|